

RAIMUNDO LENILDE DE ARAÚJO  
MARIA FRANCINEILA PINHEIRO DOS SANTOS  
CRISTINA MARIA COSTA LEITE  
MARCILEIA OLIVEIRA BISPO  
CLÉZIO DOS SANTOS  
(ORG.)



# FORMAÇÃO DOCENTE

ENSINO DE GEOGRAFIA E O LIVRO DIDÁTICO



SER  
TÃO  
CULT



Raimundo Lenilde de Araújo  
Universidade Federal do Piauí (UFPI)



Maria Francineila Pinheiro dos Santos  
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)



Cristina Maria Costa Leite  
Universidade de Brasília (UnB)



Marcileia Oliveira Bispo  
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



Clézio dos Santos  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
(UFRRJ)

# FORMAÇÃO DOCENTE

ENSINO DE GEOGRAFIA E O LIVRO DIDÁTICO



RAIMUNDO LENILDE DE ARAÚJO  
MARIA FRANCINEILA PINHEIRO DOS SANTOS  
CRISTINA MARIA COSTA LEITE  
MARCILEIA OLIVEIRA BISPO  
CLÉZIO DOS SANTOS  
(ORG.)

# FORMAÇÃO DOCENTE

## ENSINO DE GEOGRAFIA E O LIVRO DIDÁTICO

Sobral-CE  
2021



## Formação docente, ensino de geografia e o livro didático

© 2021 copyright by Raimundo Lenilde de Araújo, Maria Francineila Pinheiro dos Santos, Cristina Maria Costa Leite Marcileia Oliveira Bispo e Clézio dos Santos, (ORGs.)

Impresso no Brasil/Printed in Brasil



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138  
Renato Parente - Sobral - CE  
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222  
contato@editorasertaocult.com  
sertaocult@gmail.com  
www.editorasertaocult.com

### Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

### Coordenação do Conselho Editorial

Antonio Jerfson Lins de Freitas

### Conselho Editorial de Geografia

Alberto Pereira Lopes

Alisson Slider do Nascimento de Paula

Ana Paula Pinho Pacheco Gramata

Antonio Adílio Costa da Silva

Francisco Ari de Andrade

Irineu Soares de Oliveira Neto

Isorlanda Caracristi

Marcelo de Oliveira Moura

Maria Artemis Ribeiro Martins

Paulo Rogério de Freitas Silva

Paulo Sérgio Cunha Farias

Sandra Liliانا Mansilla

Vanda Carneiro de Claudino Sales

Virginia Célia Cavalcante de Holanda

### Revisão

Danilo Ribeiro Barahuna

### Diagramação

Francisco Taliba

### Capa

Francisco Taliba

### Catálogo

Leolph Lima da Silva - CRB3/967

F723	Formação docente, ensino de geografia e o livro didático / Raimundo Lenilde de Araújo ... [et al.]. (Organizadores.). – Sobral, CE: Sertão Cult, 2021.  526p.  ISBN: 978-65-87429-99-1 - e-book - pdf ISBN: 978-85-67960-39-5 - papel Doi: 110.35260/87429991-2021  1. Formação docente. 2. Ensino de Geografia. 3. Geografia- Didática. 4. Geografia- Livro didático. 5. Geografia- Docência. I. Araújo, Raimundo Lenilde de. II. Santos, Maria Francineila Pinheiro dos. III. Leite, Cristina Maria Costa. IV. Bispo, Marcileia Oliveira. V. Santos, Clézio. VI. Título.
------	--

CDD 371.3  
371.12



Este e-book está licenciado por Creative Commons

Atribuição-Não-Comercial-Sem Derivadas 4.0 Internacional

# Sumário

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>11</b>
---------------------------	-----------

Doi: 10.35260/87429991p.17-30.2021

<b>AFINAL, PARA QUEM SERVE A REFORMA DO ENSINO MÉDIO?</b> .....	<b>17</b>
---	-----------

ALCINÉIA DE SOUZA SILVA

Doi: 10.35260/87429991p.31-44.2021

<b>AUTORES DE LIVROS PARA PROFESSORES DE GEOGRAFIA ENTRE OS ANOS DE 1920 E 1940</b> .....	<b>31</b>
---	-----------

JANETE REGINA DE OLIVEIRA

Doi: 10.35260/87429991p.45-54.2021

<b>BIOMA CAATINGA: ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DE PATOS-PB</b> .....	<b>45</b>
--	-----------

TELMA GOMES RIBEIRO ALVES

ROSEMERI MELO E SOUZA

DIÓGENES FÉLIX DA SILVA COSTA

Doi: 10.35260/87429991p.55-67.2021

<b>CIÊNCIA DA MORFOLOGIA DE GOETHE: O ARQUÉTIPO E A FORMAÇÃO EPISTEMOLÓGICA E METODOLÓGICA DA GEOGRAFIA</b> .....	<b>55</b>
---	-----------

ANTONIO CARLOS VITTE

Doi: 10.35260/87429991p.69-82.2021

<b>CRIAÇÃO DE NOVAS TECNOLOGIAS PARA UM ENSINO DE GEOGRAFIA INTERATIVO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NAS ESCOLAS</b> .....	<b>69</b>
---	-----------

JAQUELINE MACHADO VIEIRA

REINALDO DOS SANTOS

Doi: 10.35260/87429991p.83-97.2021

<b>DECOLONIALIDADE E ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA RELEITURA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO</b> .....	<b>83</b>
--	-----------

RODRIGO CAPELLE SUESS

ALCINÉIA DE SOUZA SILVA

Doi: 10.35260/87429991p.99-113.2021

**DOCÊNCIA COMPARTILHADA E ENSINO DE GEOGRAFIA:  
REFLEXÕES E PRÁTICAS NA REDE MUNICIPAL  
DE ENSINO DE SÃO PAULO/SP .....99**

ALEX MARIGHETTI

Doi: 10.35260/87429991p.115-127.2021

**EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E AMBIENTAL: PROPOSTAS E  
DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE NO MUNICÍPIO  
DE CORUMBATAÍ-SP ..... 115**

ÉDER RODRIGO VARUSSA

Doi: 10.35260/87429991p.129-143.2021

**EDUCAÇÃO, LIVRO DIDÁTICO E O PROFESSOR CRÍTICO-  
REFLEXIVO: POSSIBILIDADE DE RESSIGNIFICAR A  
PRÁTICA DOCENTE..... 129**

HUGO DE CARVALHO SOBRINHO

Doi: 10.35260/87429991p.145-159.2021

**ENSINO DE GEOGRAFIA A PARTIR DO LOCAL: O CASO DA  
EXPANSÃO URBANA NA ZONA SUL DE ILHÉUS/BA ..... 145**

ELISÂNGELA ROSEMERI MARTINS SILVA

Doi: 10.35260/87429991p.161-174.2021

**ENSINO DE GEOGRAFIA E EDUCAÇÃO DO CAMPO:  
FORTALECIMENTO E (RE)CONSTRUÇÃO DO TERRITÓRIO  
CAMPONÊS ..... 161**

EDUARDO HENRIQUE MODESTO DE MORAIS

Doi: 10.35260/87429991p.175-187.2021

**ENSINO DE GEOGRAFIA E REALIDADE SOCIOESPACIAL  
NAS CIDADES CAPITALISTAS: CONDIÇÕES DESIGUAIS,  
ACESSO À MORADIA E PRECARIEDADE DO HABITAR... 175**

GILSELIA LEMOS MOREIRA

Doi: 10.35260/87429991p.189-201.2021

**ESTATUTO DA CIDADE COMO TEMÁTICA PEDAGÓGICA  
NOS LIVROS DIDÁTICOS..... 189**

RICARDO JOSÉ GONTIJO AZEVEDO

Doi: 10.35260/87429991p.203-213.2021

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA NA  
USP PARA O ENSINO SECUNDÁRIO DA ESCOLA  
PAULISTA (1934-1960) ..... 203**

MÁRCIA CRISTINA DE OLIVEIRA MELLO



Doi: 10.35260/87429991p.215-228.2021

**GEOGRAFIA URBANA PARA O 7º ANO DO ENSINO  
FUNDAMENTAL: O ESPAÇO URBANO DO DF E ENTORNO  
COMO POSSIBILIDADE DE REFERÊNCIA AO ENSINO  
NOS LIVROS DIDÁTICOS..... 215**

RICARDO CHAVES DE FARIAS  
MARIANA REZENDE SOUZA

Doi: 10.35260/87429991p.229-240.2021

**IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO DOCENTE ACERCA  
DO LUGAR DO/A ESTUDANTE: O ENSINO DA GEOGRAFIA  
PARA A EMANCIPAÇÃO HUMANA..... 229**

HENRIQUE RODRIGUES TORRES

Doi: 10.35260/87429991p.241-251.2021

**LICENCIATURAS DE GEOGRAFIA NO ESTADO DE SÃO  
PAULO: MOVIMENTOS HISTÓRICOS, PROCESSOS  
FORMATIVOS E PERSPECTIVAS ..... 241**

ANDRÉ LUÍS MESSETTI CHRISTOFOLETTI  
DIEGO CORREA MAIA

Doi: 10.35260/87429991p.253-265.2021

**METODOLOGIAS APLICADAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA  
PARA O EDUCANDO SURDO: UM ESTUDO DE CASO EM  
UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL DO MUNICÍPIO DE  
TERESINA-PI..... 253**

ELAYNE CRISTINA ROCHA DIAS

Doi: 10.35260/87429991p.267-281.2021

**MOBILIDADE E PRECARIZAÇÃO DOCENTE NA REGIÃO  
METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO..... 267**

GLEYCE ASSIS DA SILVA BARBOSA

Doi: 10.35260/87429991p.283-294.2021

**MODELOS DE SIMULAÇÕES: UMA PROPOSTA  
PEDAGÓGICA SIGNIFICATIVA PARA O ENSINO  
DE GEOGRAFIA..... 283**

ALEXANDRE DOS SANTOS DA ROSA

Doi: 10.35260/87429991p.295-308.2021

**NOVO ENSINO MÉDIO E OS DESAFIOS NA PRÁTICA  
DOCENTE NAS ESCOLAS LOCALIZADAS NO CAMPO DO  
MUNICÍPIO DE JATAÍ/GO..... 295**

TATIANE RODRIGUES DE SOUZA  
EVANDRO CÉSAR CLEMENTE

Doi: 10.35260/87429991p.309-322.2021

**OBSTÁCULOS EPISTEMOLÓGICOS NA CONSTRUÇÃO  
DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO ..... 309**

LEONARDO FERREIRA FARIAS DA CUNHA  
ALCINÉIA DE SOUZA SILVA

Doi: 10.35260/87429991p.323-339.2021

**PARA BOM PROVEDOR UMA PLATAFORMA MOODLE  
BASTA: ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DE TERRITÓRIOS  
VIRTUAIS NA FORMAÇÃO EM EaD ..... 323**

DÉBORA GASPAR SOARES

Doi: 10.35260/87429991p.341-354.2021

**POLÍTICAS PÚBLICAS DE FORMAÇÃO DOCENTE EM NÍVEL  
SUPERIOR DO PRONERA E PROCAMPO:  
CEGEO E LEDUC ..... 341**

RODRIGO SIMÃO CAMACHO

Doi: 10.35260/87429991p.355-368.2021

**POR UMA BASE DE CONHECIMENTOS DOCENTES: AS  
CONTRIBUIÇÕES DE L. S. SHULMAN NA DISCUSSÃO DO  
PROFISSIONAL PROFESSOR DE GEOGRAFIA ..... 355**

VALÉRIA RODRIGUES PEREIRA  
CLAUDIVAN SANCHES LOPES

Doi: 10.35260/87429991p.369-383.2021

**PRÁTICAS DE CARTOGRAFIA E ASTRONOMIA EM SALA DE  
AULA: TRAJETÓRIA FORMATIVA DURANTE UM ESTÁGIO  
SUPERVISIONADO DE GEOGRAFIA ..... 369**

DIEGO MAGUELNISKI

Doi: 10.35260/87429991p.385-399.2021

**PRÁTICAS FORMATIVAS E DIFERENTES ESTRATÉGIAS  
PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS .... 385**

DIEGO CORREA MAIA  
ANA CLAUDIA NOGUEIRA MAIA

Doi: 10.35260/87429991p.401-412.2021

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DA GEOGRAFIA:  
ANÁLISES DA CONTEMPORANEIDADE ..... 401**

ANGILENE DE FÁTIMA FERREIRA ANDRADE

Doi: 10.35260/87429991p.413-424.2021

**RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO E PENSAMENTO ESPACIAL:  
UMA ANÁLISE APLICADA À BASE NACIONAL COMUM  
CURRICULAR – ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS 413**

DENISE MOTA PEREIRA DA SILVA

Doi: 10.35260/87429991p.425-438.2021

**REFLEXÕES SOBRE O USO DA TECNOLOGIA DA  
INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: OBSTÁCULOS NA  
PRÁTICA DOCENTE..... 425**

ANA PAULA PINHO PACHÊCO GRAMATA

Doi: 10.35260/87429991p.439-452.2021

**O SABER EXPERIENCIAL NO CONTEXTO DAS  
POLÍTICAS DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL  
DO DOCENTE EM GEOGRAFIA ..... 439**

BALTASAR FERNANDES GARCIA FILHO

Doi: 10.35260/87429991p.453-466.2021

**TENDÊNCIAS DA PESQUISA GEOGRÁFICA:  
O USO DA CATEGORIA PAISAGEM NOS TRABALHOS  
DO EGAL (1987 A 2017)..... 453**

LARISSA DONATO

BRUNA MORANTE LACERDA MARTINS

Doi: 10.35260/87429991p.467-478.2021

**USO DO LIVRO DIDÁTICO E O AGRINHO:  
UMA COMPREENSÃO DO ESPAÇO AGRÁRIO  
A PARTIR DO LUGAR..... 467**

THIARA GONÇALVES CAMPANHA



---

## APRESENTAÇÃO

A pesquisa em Geografia, nos núcleos de pós-graduação das universidades brasileiras, cresceu expressivamente no início do Século XXI em decorrência da implementação de políticas públicas educacionais voltadas ao ensino superior. Nesse contexto, a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE) promoveu, com regularidade, encontros nacionais orientados à divulgação científica na área e a decorrente discussão dessa.

Historicamente a ANPEGE promoveu treze Encontros Nacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia - ENANPEGE (desde 1995), eventos que mobilizaram centenas de pesquisadores para a apresentação/discussão de suas pesquisas em grupos de trabalhos temáticos associadas às grandes áreas da ciência geográfica: Geografia Física, Geografia Humana e Ensino de Geografia. Nesse escopo merece destaque a inserção das questões relativas ao ensino, aprendizagem e formação de professores de Geografia, que apareceu pela primeira vez em 2007 no VII ENANPEGE, organizado pela Universidade Federal Fluminense (UFF), na cidade de Niterói, Rio de Janeiro.

Desse modo, as questões referentes à educação geográfica, denominadas como Ensino de Geografia, foram encaminhadas no âmbito de um grupo temático nos ENANPEGEs dos anos 2007 até 2013, que congregou não somente geógrafos, mas, também, professores de Geografia, que buscavam na qualificação em nível de pós-graduação, a oportunidade para discutir questões relativas à sua prática, formação, problemas, desafios no exercício da profissão, entre inúmeras outras temáticas.

Porém, no contexto das políticas públicas educacionais implementadas ao ensino superior, pode-se afirmar, resumidamente, que o Programa do Governo Federal de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras (REUNI) aumentou o número de universidades públicas federais no território nacional, desconcentrando-as para todas as regiões brasileiras; por meio da criação de novos campi de instituições já consolidadas, bem como novas instituições; que resultaram na ampliação da oferta de vagas, para além dos tradicionais centros metropolitanos, em novos cursos e modalidades (presencial e à distância), mas, sobretudo, nas licenciaturas. Do mesmo modo, os programas de pós-graduação foram incrementados com novas linhas de pesquisa, inclusive com a emergência das questões referentes à educação geográfica e resultaram no aumento de pesquisas relacionadas aos temas vinculados à Formação Docente e ao Ensino de Geografia.

Tais situações justificam, em parte, a participação de professores de Geografia da Educação Básica nos eventos promovidos pela ANPEGE, principalmente em virtude de sua participação na pós-graduação, nas temáticas relativas à educação geográfica. Além disso, as questões vinculadas ao tema começaram a consolidar uma nova área de especialização: a Geografia Escolar.

O impacto dessa situação é visível quando se analisa a quantidade de grupos de trabalho nos encontros nacionais organizados pela ANPEGE. De 1 grupo criado no VII ENANPEGE em Niterói/RJ em 2007, passamos para 6 grupos de trabalho (GTs) em 2019. São eles: Cartografia Escolar; Educação Geográfica e Formação de Professores; Ensino de Geografia; Formação Docente, Ensino de Geografia e o Livro Didático; Linguagens e Educação Geográfica, e Teoria e Método na Educação Geográfica. Há de se ressaltar, também, que o número de inscritos nos grupos da educação é significativo e atestou um crescimento paulatino e progressivo de pesquisadores, o que evidencia a importância crescente da temática, nos fóruns nacionais de pesquisa em Geografia.

A organização dos Grupos de Trabalho (GTs) tem por objetivo garantir a pluralidade dos diferentes grupos de pesquisa e dos diferentes programas de pós-graduação, bem como estabelecer uma rede interinstitucional como forma de subsidiar o fortalecimento de redes de pesquisa em Geografia no país. Dessa forma, o GT 16 se constitui em uma rede a partir da afinidade de pesquisa e afinidade temática, ou seja, uma rede não institucionalizada, mas uma rede de várias perspectivas da Formação Docente e do Ensino de Geografia.

Atentos a esse movimento, foi proposto em 2017 o GT Formação Docente, Ensino de Geografia e o Livro Didático, que ocorreu na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Na edição subsequente, foi mantida a proposta e novos pesquisadores passaram a compor o Grupo de Trabalho, que fez parte da programação do XIII ENANPEGE, organizado na Cidade Universitária da Universidade de São Paulo, USP, em São Paulo/SP.

Em 2019, o GT - Formação Docente, Ensino de Geografia e o Livro Didático propôs a análise das distintas relações e articulações entre a formação docente em Geografia e a Geografia Escolar, assim

como a inter-relação entre o ensino de Geografia e a utilização do livro didático, no âmbito da Educação Básica.

Além disso, foi realizada a discussão acerca dos Projetos pedagógicos nos cursos de licenciatura em Geografia e suas implicações na formação inicial docente, bem como a análise da formação de professores a partir de referenciais teóricos afins, concepções curriculares contemporâneas e a legislação brasileira destinada a esse processo, em especial a BNCC e as novas orientações ao Ensino Médio.

Nesse contexto, discutiu-se a importância e os desafios do estágio supervisionado para a formação inicial comprometida com os anseios da docência na contemporaneidade, além da prática profissional dos professores de Geografia da educação básica e os novos desafios dessa profissão. Mas, também, foi pensado a discussão sobre o livro didático, seu papel no ensino de Geografia e sua prevalência como um dos principais recursos didáticos utilizados no ensino dessa disciplina. A utilização do Livro Didático em tablets, e-books e similares.

Na atualidade, os distintos recursos didáticos encontram-se disponíveis por meio de aplicativos e mídias digitais, os quais vem sendo cada vez mais utilizados na Geografia Escolar. Vale salientar que esses recursos possibilitam diversos caminhos a serem trilhados na formação inicial e continuada, propiciando um processo de ensino aprendizagem que visa atender às demandas do mercado e o desenvolvimento do conhecimento científico e acadêmico.

Assim, dada a qualidade técnica dos trabalhos apresentados e movidos pela necessidade de fortalecer a discussão sobre a Formação Docente, o Ensino de Geografia e o Livro Didático, foi sugerido e decidido pela comissão organizadora do GT a organização de um livro com a intenção de incentivar os novos pesquisadores por meio da publicação de seus artigos, ou seja, aqueles apresentados no XVIII ENANPEGE, em São Paulo, 2019, e fomentar ainda mais a



rede com novas perspectivas de Formação Docente, do Ensino de Geografia e do Livro Didático em âmbito nacional, com a reunião de publicações de diversos grupos de pesquisas, em diferentes linhas de Ensino de Geografia nos Programas de Pós-Graduação em Geografia de Universidades localizadas em todas as regiões brasileiras. Este livro e seus respectivos capítulos exprimem as inúmeras abordagens do complexo teórico e metodológico que envolve a pesquisa acadêmica e a discussão de temas relacionados com a Formação Docente, o Ensino de Geografia e o Livro didático e que são fundamentais para a compreensão da Geografia Escolar.

Boa leitura!

*Prof. Dr. Raimundo Lenilde de Araújo (UFPI)*

*Profa. Dra. Maria Francineila Pinheiro dos Santos (UFAL)*

*Profa. Dra. Cristina Maria Costa Leite (UnB)*

*Profa. Dra. Marcileia Oliveira Bispo (UFT)*

*Prof. Dr. Clézio dos Santos (UFRRJ)*

*GT Formação Docente, Ensino de Geografia e o Livro Didático*



# **ENSINO DE GEOGRAFIA E REALIDADE SOCIOESPACIAL NAS CIDADES CAPITALISTAS: CONDIÇÕES DESIGUAIS, ACESSO À MORADIA E PRECARIEDADE DO HABITAR**

**Gilselia Lemos Moreira**

*E-mail:* [glmoreira@uesc.br](mailto:glmoreira@uesc.br)

*Lattes:* <http://lattes.cnpq.br/7833602860741308>

*ORCID:* <https://orcid.org/0000-0003-3524-4294>

## **Introdução**

A questão do ensino de Geografia apresenta-se hoje revigorada no pensamento contemporâneo. Caracterizando-se por novas e diferentes abordagens, traz em seu bojo a preocupação fundamental com a análise crítica da realidade socioespacial mais ampla. Neste trabalho, apresenta-se um recorte de como é vista a articulação entre o ensino de Geografia e a análise da realidade caleidoscópica do viver na cidade por diferentes classes sociais. Ao trilhar esse caminho, chama-se a atenção para o fato de que não se evidencia a pertinente questão socioespacial em si, nossa proposta é tratar o tema tomando como ponto de partida a vida na cidade, destacando a luta pela moradia na produção do urbano na perspectiva da educação geográfica.

Trata-se de um processo complexo e diverso, no qual está presente o entendimento do processo de produção e reprodução do espaço urbano, determinado pelo modo de produção capitalista. Isso significa que a produção do espaço se dá de forma coletiva, mas a sua apropriação, amiúde, dá-se de modo privado. Essa reflexão é

norteada por uma premissa fundamental, ou seja, pelo reconhecimento de que o processo em tela é parte de um artifício mais amplo, pois se dá de modo conflituoso e contraditório, abrigando, por isso, no seu interior, inúmeras contradições, mas nem sempre tais questões estão presentes no cotidiano da sala de aula.

O objetivo desse trabalho é debater o papel do ensino de Geografia no que se refere às condições desiguais de acesso à moradia e examinar de maneira epidérmica a luta pelo direito à vida urbana na cidade capitalista. Para tanto, faz-se necessário adentrar na discussão do direito à cidade e mergulhar em um conhecimento interdisciplinar para definir, alhures, a espacialidade dos fenômenos urbanos.

A questão deflagrada desse movimento é: “De que forma o ensino de Geografia pode contribuir para o entendimento da realidade socioespacial nas cidades capitalistas?”. Desse modo, a sala de aula pode ser o lócus para esse exercício. No interior desse tema, privilegia-se a pesquisa qualitativa. Buscamos nas contribuições de Castellar (2015), Cavalcanti (2010ab), Straforini (2001), Carlos (2007), Harvey (2008), Rodrigues (2007), Corrêa (1993), Gottdiener (1985) e Lacoste (2003) respaldo teórico para a nossa análise, cujo intuito é despertar nos alunos as bases necessárias para se construir ética e criticidade.

Ademais, aduzimos que o ensino de Geografia, grosso modo, é o esforço empregado para imprimir sentido às apetências da própria Geografia. Figuradamente, o ensino de Geografia dá voz à ciência geográfica no sentido de fazer o conhecimento do espaço que é produzido socialmente, mas apropriado privadamente, tornar-se o ponto estratégico para que o sujeito, nesse caso o aluno, entenda seu papel nesse processo.

## Ensino de Geografia e educação geográfica: caminhos possíveis na busca pela cidadania

Para Callai e Moraes (2017, p. 82), “A educação geográfica pode ser o caminho para educar para a cidadania por meio da Geografia escolar”. Na atualidade, a educação geográfica apresenta-se como um ponto central para refletir acerca das transformações observadas na cidade.

Educação geográfica e educação para a formação cidadã por meio do estudo da cidade se constitui no desafio de construir a argumentação de para que ensinar Geografia num mundo em que tudo é rápido e que o interesse maior tem sido, na escola, fazer um ensino pragmático de modo a responder as exigências postas por um mundo que tem a sua sustentação maior no mercado (CALLAI; MORAES, 2017, p. 83).

O horizonte posto está, então, na superação do pragmatismo no ensino. Para tanto, articular saber e prática é vital, pois garante a autossustentação da própria educação geográfica.

Assim, a educação geográfica pode se estabelecer como um dos caminhos para estudar Geografia de modo que oportunize aos estudantes construir as bases de conteúdo para interpretação do mundo (CALLAI; MORAES, 2017, p. 84).

É nesse ponto que o ensino de Geografia tem um papel determinante, pois se constitui um caminho possível para pensar/interpretar o mundo.

Ler o mundo da vida, ler o espaço e compreender que as paisagens que podemos ver são resultado da vida em sociedade, dos homens na busca da sua sobrevivência e da satisfação das suas necessidades (CALLAI, 2005, p. 228-229).

Para a construção de um raciocínio reflexivo sob essa ótica, são enfatizadas algumas ferramentas que compreendem desde a autonomia do professor ao senso crítico, passando pela criatividade em sala de aula. Essa tríade é rota inevitável para o êxito da sua prática pedagógica. De acordo com Monteiro *et al.* (2010, p. 119),

O conceito de sujeito autônomo, portanto, envolve a ideia de responsabilidade social, pois requer compromisso daqueles que participam do processo decisório com questões que vão além de seus próprios interesses. Por isso, longe de ser um empreendimento individual, a atitude autônoma necessita estar vinculada a uma sensibilidade capaz de entender o outro e com disposição para a busca do consenso social.

É preciso estar aberto às críticas, livre das amarras de projetos políticos pedagógicos engessados e romper com a interpretação escolástica da realidade. Essa é uma postura extremamente difícil – e importante. A saída pode ser a “criatividade ativa”, pois penso concordando com Callai (2005), ao citar Marques (1993), e Rego (2000), que,

[...] para romper com a prática tradicional da sala de aula, não adianta apenas a vontade do professor. É preciso que haja concepções teórico-metodológicas capazes de permitir o reconhecimento do saber do outro, a capacidade de ler o mundo da vida e reconhecer a sua dinamicidade, superando o que está posto como verdade absoluta. É preciso trabalhar com a possibilidade de encontrar formas de compreender o mundo, produzindo um conhecimento que é legítimo (CALLAI, 2005, p. 231 *apud* MARQUES, 1993; REGO, 2000, p. 8).

Reafirmamos que romper com a prática tradicional da sala de aula é um primeiro passo, todavia, seu ritmo ainda é lento. Em mais de vinte anos atuando no magistério superior no curso de

licenciatura em Geografia na área de ensino de Geografia, notamos que o processo de renovação do ensino é complexo e desigual.

Tal afirmação não se trata, em hipótese alguma, de discussão de gabinete, sem vínculo com a realidade. Ao contrário, tal assertiva resulta da experiência como professora da disciplina Estágio Curricular. Ao passar por várias escolas, constatamos que na maioria o ensino continua fundamentado em aula expositiva e provas, e no caso da Geografia, o ensino em muitos casos está reduzido à mera localização dos fenômenos. Há vinte anos Pedro Demo (1999, p. 43) disse:

nossas instituições educacionais continuam tecnicamente instrucionistas, nas quais o aluno é levado a absorver conhecimento como uma esponja, tendo à sua frente um professor que oferece conhecimentos acabados, tão acabados que precisam ser copiados e reproduzidos nas provas.

Apesar de passados vinte anos da citação acima, esse quadro ainda persiste nas escolas, tanto da rede privada quanto da rede pública. De acordo com Cavalcanti (2010b, p. 1), isso ocorre porque, “em razão das inúmeras dificuldades que enfrentam no trabalho, alguns professores se sentem inseguros e se fecham em uma atitude conservadora: optam por manter os rituais rotineiros e repetitivos da sala de aula, desistindo de experimentar caminhos novos”.

Straforini (2001, p. 6) ainda acrescenta que “no ensino de Geografia esse fato é marcante, pois a sua prática pedagógica está estruturada de forma a apresentar o mundo fragmentado e hierarquizado, [...] como espaços/coisas estanques e sem relações entre si”. Apresentar os conteúdos geográficos de forma estanque sem valor educativo pode gerar deformações irreversíveis. Um dos efeitos colaterais é uma aprendizagem desfigurada, impossível de dar conta da realidade. Será que esse é um diagnóstico que nos leva à conclusão

de que a culpa é do professor? O caminho é outro. Alguns professores se deixam abater pelas dificuldades, enquanto,

Outros pautam seu trabalho pelo desejo permanente de promover a aprendizagem significativa dos conteúdos que ensinam, envolvendo seus alunos e articulando intencionalmente seus projetos profissionais a projetos sociais mais amplos. Estes últimos não buscam simplesmente recursos técnicos, receitas para um bom ensino [...] (CAVALCANTI, 2010b, p. 1).

“É preciso dar conta da velocidade e complexidade das mudanças que se impõem ao espaço geográfico e todo planeta nesse fim de século [...]” (OLIVA, 1999, p. 45). Com base nessa premissa, evidencia-se como fundamental que os professores vejam e pensem a realidade e os processos nela envolvidos como exercício para a liberdade de pensar um projeto coletivo de ensino, e tal ação exige libertar-se de alguns ranços autoritários. A educação geográfica pode ser a grande oportunidade para fazermos as escolhas corretas e, assim, termos um ensino de Geografia pautado na ética e na criticidade, isso é o que se quer e se almeja.

## **Das condições desiguais, acesso à moradia e a precariedade do habitar**

Nos dias atuais, o estudo das “condições desiguais, o acesso à moradia e a precariedade do habitar” tem sido objeto dos mais variados campos do saber das ciências humanas e sociais. Vários teóricos têm se debruçado sobre esse tema: Arantes (2000), Azevedo (1977), Rodrigues (2007), Botelho (2007), Boulos (2012), Rolnik (2015), Carlos (2007) entre outros.

A ideia central deste texto reside em abordar de forma sistêmica e integrada a questão do direito à moradia – um direito humano do



indivíduo, garantido desde 1948, com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, assegurado na Constituição Federal de 1988, art. 6º caput. O direito à moradia também é tema de legislações posteriores, com destaque para o Estatuto da Cidade de 2001.

Destarte, vale lembrar que esta mesma Constituição Federal de 1988 assegura o direito à propriedade privada, mas é importante atentar para o complemento a seguir: “desde que esta cumpra uma função social”. Isso quer dizer que os imóveis que se encontram permanentemente desocupados não cumprem nenhuma função social, logo, são ilegais (BOULOS, 2012). Sim, a moradia é um direito assegurado pela lei.

Mas, se é assim, por que milhares de pessoas não têm moradia em nosso país? De acordo com Rodrigues (2007), a resposta para tal inquietação é a “desigualdade socioespacial”. Essa mesma autora ainda afirma que a desigualdade socioespacial potencializa não só a problemática habitacional, mas também define as condições desiguais de acesso à moradia.

“A tese que se quer demonstrar é que, através da segregação socioespacial, a classe alta controla e produz o espaço urbano, de acordo com seus interesses” (NEGRI, 2008, p. 130). Sendo assim, restam aos trabalhadores “as mobilizações e lutas de movimentos populares urbanos” (RODRIGUES, 2007, p. 78), pois só por meio da luta podem “alterar a desigualdade espacial, tornando-a possibilidade de mudança com o direito a ter direitos, um deles o de usufruir, na cidade, da riqueza produzida” (RODRIGUES, 2007, p. 78). Ademais,

A desigualdade socioespacial e a precariedade para a reprodução da vida são produtos do modo de produção e, ao mesmo tempo, são condição de permanência nas mesmas condições precárias. O processo de expansão capitalista produzindo

“cidade”, incorporando o espaço produzido pelos trabalhadores faz prevalecer o valor de troca sobre o valor de uso. É contra esse processo que trabalhadores consideram fundamental se organizar na luta pelo Direito à Cidade (RODRIGUES, 2007, p. 78)

Considerando a realidade social que nasce a nossa volta, as condições desiguais de acesso à moradia podem ser o ponto de partida de uma análise mais profunda para se entender a complexidade da desigualdade socioespacial. A ideia, ao construir essa narrativa, é pensar a lógica da produção capitalista do espaço urbano e do acesso à moradia nesse mesmo espaço pela população de baixa renda. Propõe-se refletir sobre as formas e conteúdo da apropriação e da propriedade, entender geograficamente a realidade objetiva, desconstruir o discurso de cidade-ideal para compreender a cidade-real.

Nesse sentido, é relevante a contribuição que a educação geográfica pode imputar ao entendimento desse movimento, disso tem-se plena convicção. Se a realidade desigual é o grande “mote” que move as pesquisas da Geografia, especialmente da Geografia urbana, numa perspectiva crítica na atualidade, deve-se nos apropriar desse conhecimento para transpor o mero discurso didático sobre desigualdade socioespacial e aprofundar essa discussão por meio do exercício da crítica.

Ao longo do século XX, principalmente, várias cidades expandiram sua malha urbana, verticalizaram parte de suas edificações, ampliaram o número de loteamentos, condomínios fechados de médio e alto padrão, além de conjuntos habitacionais populares, a exemplo do projeto “Minha Casa Minha Vida”. Mas, apesar disso, a falta crônica de moradia e as habitações precárias permanecem. Levar para dentro da sala de aula as questões candentes, presentes neste texto e na própria cidade é um caminho, pois, qualquer visão

um pouco mais dialética vai aceitar que a resposta para tal impasse é a contraface do modo de produção vigente.

A vida nas cidades capitalistas significa, em última análise, viver as contradições que nascem do próprio modelo que sustenta a sociedade. Implica no aniquilamento de direitos. A superação dessa realidade não se dará sem luta e resistência. Antes, porém, faz-se necessária a construção de uma consciência urbana, ou seja, a construção pedagógica da realidade do viver na cidade pelas diferentes classes sociais.

Milhões de famílias não têm onde morar e outros tantos milhões vivem em casas muito precárias. Raquel Rolnik (2015), relatora especial da Organização das Nações Unidas para o Direito à Moradia, esclarece que o Direito à moradia está diretamente ligado a um modelo de organização de sociedade e de território que nega para a maior parte das pessoas do mundo com poucos recursos econômicos e financeiros, o direito de conseguir se inserir dentro desse território de uma forma adequada.

Diante dos nossos olhos, tem-se o espectro do espaço urbano, da cidade e da própria sociedade urbana. Afinal, o espaço urbano é também o lócus da reprodução das relações sociais que envolvem várias dimensões da vida humana. Na busca pelo entendimento dessa realidade na cidade capitalista, Harvey (2012, p. 74) dá um passo à frente e diz:

A questão de que tipo de cidade queremos não pode ser divorciada do tipo de laços sociais, relação com a natureza, estilos de vida, tecnologias e valores estéticos desejamos. O direito à cidade está muito longe da liberdade individual de acesso a recursos urbanos: é o direito de mudar a nós mesmos pela mudança da cidade.

Neste movimento de decodificação da cidade, os alunos experimentam não só a comunicação com seu próprio espaço de vivência, mas o processo criativo na produção do conhecimento sobre a sua realidade.

Um dos lugares mais privilegiados para se discutir o direito à cidade é a sala de aula e, por extensão, a escola, o lócus mais substancial do que seria, afinal de contas, a educação geográfica. De acordo com Cavalcanti (2010b, p. 4), “a essa altura, pode-se questionar se os professores têm acompanhado as contribuições da Geografia acadêmica, pautando seu trabalho na construção de referências conceituais mediadoras do pensamento geográfico atual”, ou não.

## **Considerações finais**

Intentamos aqui uma reflexão teórica frente às nossas inquietações intelectuais a respeito sobre “o modo como se ensina Geografia”. Arrazoamos as possibilidades em sala de aula para a superação do ensino pautado na ingestão de ideias. Trilhar esse caminho nos levou à conclusão de que a educação geográfica como prática pedagógica pode possibilitar um olhar mais atento sobre a realidade deflagradamente desigual da sociedade contemporânea.

O entendimento da própria realidade deve ser seu um caminho perseguido pelo professor, o que implica apresentar para o aluno a cidade, seu lugar; significa ajudá-lo a decifrar o movimento do espaço urbano, enquanto lócus da reprodução das relações sociais que envolvem várias dimensões da vida humana. Ainda sugere apreendê-lo, considerando as relações que se estabelecem nele e com ele.

Com base nessa premissa, reafirmamos que é fundamental que professores e alunos se envolvam num projeto coletivo de ensino, pautado no exercício da autonomia e da crítica, para tanto se faz

necessário se libertar de alguns ranços autoritários. Asseveramos que é preciso estar aberto às críticas, livre das amarras de projetos políticos pedagógicos engessados e romper com a interpretação escolástica da realidade. Essa é uma postura extremamente difícil – mas fundamental para avançar em direção à reflexão e à criticidade, o que sugere a superação da noção de aluno expectador. Este é talvez o nosso maior desafio.

## Referências

ARANTES, Otília. Uma estratégia fatal: a cultura nas novas gestões urbanas. *In*: MARICATO, E.; VAINER, C. (Orgs.). **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

AZEVEDO, Álvaro Villaça *et al.* **Solo criado/carta de Embu**. São Paulo: Fundação Prefeito Faria Lima - Cepam, 1977.

BOTELHO, Adriano. **O urbano em fragmentos: a produção do espaço e da moradia pelas práticas do setor imobiliário**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.

BOULOS, Guilherme. **Por que ocupamos?** Uma introdução à luta dos sem teto. São Paulo: Scortecci, 2012.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 15 abr. 2019.

CALLAI, H. C.; MORAES, M. M. Educação geográfica, cidadania e cidade. **ACTA Geográfica**, Boa Vista, Edição Especial 2017, p. 82-100, 2017. Disponível em: <https://revista.ufr.br/actageo/article/view/4771/2416>. Acesso em: 15 abr. 2019.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano**: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: FFLCH, 2007. 123p.

CASTELLAR, S. M. V. O ensino de Geografia e a formação docente. *In*: CARVALHO, A. M. P. (Coord.). **Formação continuada de professores**. São Paulo: Pioneira/Thomson, 2015.

CAVALCANTI, Lana de Souza. O ensino de Geografia com novas abordagens. **Nova Escola** [Entrevista a Beatriz Vichessi], Goiânia, dez. 2010a. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/Geografia/fundamentos/lanasouza-cavalcanti-fala-ensino-Geografia-novas-abordagens-611976.shtml?page=0>. Acesso em: 20 maio 2019.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. **Anais do I Seminário Nacional: currículo em movimento – perspectivas atuais**, Belo Horizonte, nov. 2010b.

CORREA, Roberto L. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática. 1993.

DEMO, Pedro. **Educação e desenvolvimento: mito e realidade possível e fantasiosa**. Campinas, SP: Papirus, 1999.

GOTTDIENER, Mark. **Produção social do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 1985.

HARVEY, David. O direito à cidade. **Ed. Lutas Sociais**, São Paulo, n. 29, p. 73-89, jul./dez 2012.

LACOSTE, Yves. Para que serve a paisagem? O que é uma bela paisagem? **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, AGB, n. 79, p. 115-150, jul. 2003.

MARQUES, M. O. **Conhecimento e modernidade em reconstrução**. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 1993.

MONTEIRO, Marco Aurélio Alvarenga *et al.* Visões de autonomia do professor e sua influência na prática pedagógica. **Rev. Ensaio**, Belo Horizonte, v. 12, n. 03, p. 117-130, set./dez., 2010.

NEGRI, Silvio Moisés. **Coletâneas do nosso tempo**, Rondonópolis (MT), v. VII, n. 8, p. 129-153, 2008.

OLIVA, Jaime Tadeu. Ensino de Geografia um retrato desnecessário. *In*: CARLOS, A. F. A. (Org.). **A Geografia da sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999.

REGO, T. C. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

RODRIGUES, Arlete Moyses. Desigualdades Socioespaciais – A luta pelo direito a cidade. **Revista Cidades**, v. 4 n. 6, p. 73-88, 2007.

ROLNIK, Raquel. **Guerra dos lugares**: a colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo: Boitempo, 2015.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia nas séries iniciais**: o desafio da totalidade mundo. 2001. 155f. Dissertação de Mestrado – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.



Este livro foi composto em fonte Adobe Garamond Pro, impresso no formato  
15 x 22 cm em pólen 80 g/m<sup>2</sup>, com 510 páginas e em e-book formato pdf.  
Impressão e acabamento: Gráfica Bueno Teixeira  
Agosto de 2021.



**Saiba como adquirir o livro  
completo no site da SertãoCult**

[www.editorasertaocult.com](http://www.editorasertaocult.com)

Editora

**SER  
TÃO  
CULT**

---

**E**ste livro e seus respectivos capítulos exprimem as inúmeras abordagens do complexo teórico e metodológico que envolve a pesquisa acadêmica e a discussão de temas relacionados com a Formação Docente, o Ensino de Geografia e o Livro didático e que são fundamentais para a compreensão da Geografia Escolar. Foi organizado com a intenção de incentivar os novos pesquisadores por meio da publicação de seus artigos, ou seja, aqueles apresentados no XVIII ENANPEGE, em São Paulo, 2019, e fomentar ainda mais a rede com novas perspectivas de Formação Docente, do Ensino de Geografia e do Livro Didático em âmbito nacional, com a reunião de publicações de diversos grupos de pesquisas, em diferentes linhas de Ensino de Geografia nos Programas de Pós-Graduação em Geografia de Universidades localizadas em todas as regiões brasileiras.

---

